

Indústria diz que retomada depende da taxa Selic

PAULA PULITI

Os empresários negam que haja um clima de animosidade entre o eles e o governo, mas não deixam escapar a oportunidade de rebater as acusações de Brasília de que reajustes de preços levarão a um repique inflacionário que pode pôr em risco a retomada da economia.

Membros do governo e fontes da área econômica têm dito nas últimas semanas que a alta de 3% para 7,6% na alíquota da Cofins não é justificativa para aumento de preços e ameaçam eventuais remarcações com um "soco no estômago". Na outra ponta,

a indústria argumenta que a demanda continua fraca, culpa os preços administrados pelo repique inflacionário e insiste que a retomada depende dos juros.

A realidade sugere que a queda de braço existe, sim. Enquanto o Copom decide manter a Selic inalterada, pipocam anúncios sobre aumento de preços. Os preços dos eletroeletrônicos

devem subir entre 10% e 15%. As montadoras anunciaram alta de 5% em janeiro, as indústrias de resina plástica subiram seus preços entre 10 e 15% em janeiro e projetam um novo aumento em fevereiro, da ordem de 20%. Em consequência, os fabricantes de embalagens flexíveis negociam uma alta de 18% nos valores de seus produtos.

Ainda assim, os porta-vozes da indústria insistem que, se houver remarcação de preços, será apenas nos setores mais pressionados pelos preços de insumos (como aço, petróleo e derivados), e que, justamente por conta da demanda menor, não há espaço para repique inflacionário.

O diretor do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Claudio Vaz, diz que os anúncios de aumento são argumentos para desova de estoques. "Nos índices de inflação, não encontramos alta de preços em nenhum produto industrial."

EMPRESAS
REBATEM
ACUSAÇÕES
DE BRASÍLIA